

## PORTUGUÊS FALADO NA ÁUSTRIA

Cláudia FERNANDES<sup>1</sup>

### RESUMO

Há vários séculos que os números da emigração têm relativo peso nas estatísticas portuguesas. Num momento em que o número de saídas voltou a subir e a atingir máximos históricos, é interessante verificar como a língua portuguesa se desenvolve num enquadramento estrangeiro: se se mantém fiel à língua de partida, se sofre influências das línguas com as quais concorre nos novos contextos onde agora se insere. Com o actual alargamento das comunidades portuguesas pelo mundo, tanto das comunidades tradicionais como de novas comunidades, nomeadamente na Europa, torna-se mais relevante tomar em atenção ao português é falado fora das fronteiras do país.

Esta comunicação pretende observar a comunidade portuguesa na Áustria e a mostrar como se fala português em contexto austríaco, ou seja, como se fala português num ambiente germânico: quais são as áreas linguísticas mais permeáveis a interferências e quais as estratégias a que os falantes recorrem para conseguirem proferir os seus enunciados. O resultado da investigação a ser apresentada baseia-se em entrevistas à comunidade local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Emigração; línguas em contacto; português; alemão; Áustria

O artigo que aqui se inicia tem como base o trabalho de pesquisa desenvolvido no âmbito de uma dissertação para a obtenção do grau de Doutoramento, com o título *O comportamento linguístico dos portugueses residentes na Áustria*, que foi apresentada à Universidade de Viena, Áustria, em Junho de 2015.

A emigração é um dos temas que mais faz correr tinta na actualidade portuguesa. Apesar de não ser de todo uma novidade no contexto português, sendo inclusivamente caracterizada como uma “constante na demografia portuguesa” por Magalhães Godinho (1978), a emigração foi um tema que caiu no esquecimento a partir de meados dos anos 80, falando-se inclusivamente do fim da emigração portuguesa, face aos anos florescentes da economia portuguesa e ao crescente volume de fluxos migratórios que procuravam Portugal

---

<sup>1</sup> Universidade de Viena, Centro de Estudos de Tradução, Departamento de Língua Portuguesa. ZTW, Gymnasiumstrasse 50, 1190 Viena, Áustria. [claudia.fernandes@univie.ac.at](mailto:claudia.fernandes@univie.ac.at)

como destino. Curiosamente, foi o interesse nas recentes comunidades de imigrantes que fez com que o tema das migrações fosse alvo de pesquisas e por arrastamento também se procurasse saber o que se passava com a tradicional emigração portuguesa. Com o dobrar do milénio, os fluxos da emigração voltaram a subir e a crise económica que se fez sentir em Portugal a partir de 2008, exponenciou o fluxo de saídas do país. Nessa medida, a emigração voltou ao quotidiano dos portugueses tanto na primeira pessoa como em destaque nos vários canais da imprensa. Não obstante a omnipresença da emigração recente nos meios de comunicação social, esse mesmo grau de referência não se verificou a nível de trabalhos de pesquisa científica. A existência de investigações científicas centra-se essencialmente nas comunidades portuguesas mais tradicionais, consequentemente aquelas que já existem há largas décadas, como França, Alemanha, Brasil, Estados Unidos, etc., sendo diminutos os que punham em destaque outros destinos de procura mais recente. Esse é o caso da comunidade portuguesa na Áustria, um destino de emigração portuguesa muito recente, mas que tem vindo a crescer de forma galopante. No caso austríaco, não se verificava qualquer trabalho acerca da comunidade portuguesa, o que talvez se justifique por se tratar de uma minoria entre minorias, tanto no âmbito das comunidades estrangeiras na Áustria como em termos de comunidades portuguesas emigrantes no mundo. O facto da comunidade portuguesa na Áustria ser bastante recente presta-se ao estudo de fenómenos linguísticos numa fase inicial no âmbito do contacto entre línguas. Nessa medida, esta investigação visa descrever o comportamento linguístico dos portugueses na Áustria, onde estão sujeitos à pressão de outras línguas. Com efeito, em que medida é que a língua portuguesa poderá ser alterada e/ou influenciada num contexto em que o português não é dominante.

## **Migrações**

As migrações portuguesas constituem num fenómeno que tem vindo a marcar a História de Portugal nos últimos séculos. Baganha, Góis e Pereira (2005) esquematizam os vários fluxos de emigrações em três ciclos que se prendem a momentos histórico-políticos distintos e que nessa medida podem ser enquadrados em vagas diferentes. Com efeito, o 1º ciclo identificado tem como início em meados do século XIX, termina em 1960, sendo um fluxo migratório fortemente transatlântico, que tem como principal destino o Brasil. O 2º ciclo

apresenta uma marcante viragem no destino dos emigrantes portugueses: a emigração de transatlântica passa a ser intereuropeia, sendo os países mais visados a França e a Alemanha. Não é de estranhar que este ciclo dure num período de pós-guerra, ou seja, entre 1950 e 1974. O último ciclo indicado pelos autores visa a Alemanha e a Suíça, tem início em 1985 e estende-se até ao presente. No entanto, há que referir que o “presente” a que os autores se referem é 2005 e desde então a esta parte verificaram-se acontecimentos importantes no país que resultaram no avolumar dos fluxos migratórios. Tendo este facto em mente, a autora deste artigo munindo-se de dados estatísticos (Observatório da Emigração) e estudos mais actuais (Santos Pereira, 2010), arrogou-se a completar a tabela original, colocando uma data final de 2008 ao 3º ciclo, alargando o destino preferencial a toda a Europa, pois ela não se limita aos destinos tradicionais como França, Alemanha e Suíça, mas encontra novos pólos de atracção como o Reino Unido ou Espanha. Além disso, ainda acrescenta-se um novo ciclo de emigração, o 4º, cujo início é apontado para 2008 e que se estende até aos nossos dias. Neste último ciclo, o destino preferencial continua a ser o europeu.

Tabela 1: Emigração portuguesa (Baganha, Góis e Pereira, 2005)

	<b>Quando?</b>	<b>Para onde?</b>
1º ciclo	Meados do séc. XIX - 1960	Especialmente: Brasil
2º ciclo	1950 – 1974	Especialmente: França e Alemanha
3º ciclo	1985 – “Presente”	Especialmente: Alemanha e Suíça

Tabela 2: Adenda da autora ao quadro de emigração portuguesa apresentado na tabela 1

	<b>Quando?</b>	<b>Para onde?</b>
3º ciclo	1985 – 2008	Especialmente: Europa
4º ciclo	2008 – ....	Especialmente: Europa

Os portugueses retratados neste artigo encontram-se no 3º ciclo de emigração, pois tal como foi mencionado, trata-se de uma comunidade recente, apesar das relações entre Portugal e a Áustria serem mais antigas do que se possa imaginar. As casas de Avis e dos Habsburgos estavam ligadas entre si, entre outros, pelo casamento do Imperador Friedrich III com D. Leonor de Portugal (1452), sendo o seu filho Maximiliano (posteriormente Maximiliano I) primo directo de D. João II e por consequência de D. Manuel I. Contudo, para além de um número diminuto de portugueses em círculos aristocráticos não havia muitas mais referências a este facto até há pouco tempo. A presente comunidade portuguesa na Áustria conta com 2775 indivíduos (dados de 2014 pelo Observatório da Emigração), o que é notório se se tiver em conta que em 2010, à data da pesquisa no terreno para esta investigação) o número total era de 1553. No curto espaço de quatro anos a comunidade aumentou na ordem dos 80%, o que comprova que os fluxos migratórios continuam bastante activos, mas também que são procurados novos destinos que não os tradicionais. Assim sendo, a comunidade portuguesa na Áustria apresenta-se como uma comunidade pequena, jovem e recente.

É curioso verificar que a emigração para o espaço germanófono sempre foi relativamente popular entre portugueses. Alemanha, Suíça e o próprio Luxemburgo contam ainda hoje com uma significativa presença portuguesa, o que não se observa na Áustria. A tabela 3 apresenta sistematicamente o número dos portugueses nos respectivos países, a percentagem total de imigração (geral) nesses mesmos países, a quantidade percentual de portugueses em relação à totalidade dos emigrantes desses países e à totalidade da população residente.

Tabela 3: Portugueses em contexto germanófono (dados do Observatório da Emigração consultados a 13.06.2015, à excepção dos dados marcados com \*, que consistem em cálculos da autora).

País	Portugueses	PT % em rel. à população total	% de emigrantes (de todas as origens)	PT % em rel. ao total emigrante
Suíça	253.227 (2013)	3%	24%	13%
Alemanha	127.368 (2013)	- (0,15%)*	9%	2%
Luxemburgo	90.800 (2014)	17%	45%	36%
Áustria	2.775 (2014)	- (0,03%)*	13%	- (0,2%)*

Mais uma vez se confirma o facto de a Áustria não se mostrar com grande atractivos aos portugueses, mas o certo é que as leis laborais austríacos sofreram alguns revezes no último século.

A migração laboral na Áustria cresceu grandemente no contexto pós-guerra, pois até aí a legislação laboral austríaca era bastante proteccionista relativamente aos seus cidadãos. Porém, face à falta de mão-de-obra patente, foram assinados diversos tratados internacionais que fomentaram a angariação de mão-de-obra estrangeira para lugares que não eram ocupados por austríacos. O Tratado Raab-Olah de 1961 era bastante claro nesse ponto: os trabalhadores (estrangeiros) recrutados só iriam poder preencher vagas que não poderiam ser ocupadas por austríacos. Além disso, ao recrutamento estrangeiro presidia o princípio de rotatividade, ou seja, os trabalhadores angariados só poderiam permanecer no país por um período de tempo específico, sendo consequentemente uma força de trabalho temporária. Em 1962, foi assinado um Tratado com Espanha para o recrutamento de *Gastarbeiter*, cujo fracasso foi tão evidente que fez com que as autoridades austríacas optassem nos anos seguintes por assinar tratados noutros quadrantes geográficos, nomeadamente em 1964 com a Turquia e em 1966 com a antiga Jugoslávia. Estes sim correram de feição e por isso não foi necessário recorrer novamente a outros mercados de mão-de-obra.

Na década de 90, a Áustria recebeu outra grande vaga de emigrantes devido aos acontecimentos políticos que sucediam perto das suas fronteiras. O desmantelamento da Cortina de Ferro em 1991 e a Guerra nos Balcãs entre 1991 e 1995 fizeram com que o número de ingressos na Áustria aumentasse vertiginosamente. Ainda nessa década, mais precisamente em 1995, a Áustria entra na União Europeia, o que se traduz nos mesmos direitos de alojamento e trabalho tanto para austríacos como para os cidadãos dos outros Estados-Membros.

Em pouco mais de meio século (entre 1961 e 2013), a população migrante (e com antecedentes migratórios) aumentou de 1% para 12%. No entanto, nos dois períodos de maior afluxo de emigrantes na Áustria, nos anos 60-70, os emigrantes portugueses engrossavam fileiras na França e na Alemanha e depois nos anos 90, supostamente já não existia emigração portuguesa.

## **Língua e sociedade**

Comunidades migrantes são espaços de excelência para se observar fenómenos de contacto linguístico, uma vez que se trata de um palco onde a concorrência entre línguas é constante. Regra geral, há duas línguas em jogo: uma língua minoritária, que normalmente consiste na língua materna e cuja esfera de uso é interna, por exemplo, no seio da família. Por outro lado, encontra-se a língua da maioria, que normalmente constitui a língua oficial do país, cujo esfera de uso é externa, ou seja, serve de meio de comunicação com outros membros da sociedade (extra-comunitários), no trabalho, com autoridades ou entidades oficiais, etc. Os campos de uso das línguas encontra-se francamente delimitado, no entanto elas convivem diariamente na cabeça dos falantes, o que pode acabar por resultar em interferências entre línguas ou na influência de uma sobre a outra.

A tabela 4 mostra de forma bastante detalhada como Riehl (2002) avalia o impacto do contacto entre línguas nas diferentes áreas linguísticas a partir de um contacto ocasional até a um momento em que o contacto e a pressão cultural é muito forte. Assim, o que se pode verificar consiste no facto da primeira área a ser atingida, mesmo mediante contactos ocasionais, ser o léxico. Depois à medida que o contacto se vai intensificando, as outras áreas vão sendo igualmente afectadas.

Tabela 4: Nível de contacto entre línguas e efeitos em áreas linguísticas (baseado em Riel 2002, tradução minha)

<b>Nível do contacto</b>	<b>Léxico</b>	<b>Fonologia / Prosódia</b>	<b>Morfologia</b>	<b>Sintaxe</b>
<b>1. Ocasional</b>	Palavras com conteúdo			
<b>2. Algo intensivo</b>	Conjunções, advérbios	Fonemas novos em empréstimos		Estruturas antigas com uma função nova, nova sequência dos elementos frásicos sem uma alteração tipológica
<b>3. Intensivo</b>	Aposições, pronomes pessoais e demonstrativos, numerais baixos	Alofones novos, estrutura prosódica e estrutura silábica emprestada	Afixos de derivação em palavras nativas, afixos de flexão em empréstimos	Alterações tipológicas precárias da sequência dos elementos frásicos
<b>4. Forte pressão</b>		Estruturas novas distintivas,	Regras morfo-fonemáticas	Transformação da sequência dos

<b>cultural</b>		limitações de novas estruturas silábicas, regras alofônicas	novas, afixos e categorias de flexão emprestadas	elementos frásicos, transformação sintáctica com poucas transformações das categorias
<b>5. Pressão cultural muito forte</b>		Transformação fonética, perda de contraste fonético	Regras morfo-fonemáticas novas, perda de regras morfo-fonemáticas nativas, alteração das regras da estrutura da palavra	Transformação morfo-sintáctica categorial e extensiva, regras de concordância adicionais

Para poder lidar com a concorrência de línguas a que está sujeito, o falante poderá enveredar por diferentes estratégias. Neste caso, serão relevantes o *code-switching*, o empréstimo e o calque. O *code-switching* numa “troca entre duas línguas no âmbito de uma fala, uma frase ou uma oração” (Poplack, 1980:583). O falante competente pode recorrer a esta estratégia para gerir e determinar melhor as suas línguas, todavia esta estratégia poderá igualmente servir de recurso a um falante menos competente, na medida em que a outra língua poderá servir de auxílio à falta de competência linguística do falante numa das línguas (Weinreich, 1953). O empréstimo consiste na inclusão de uma palavra estrangeira ou de uma expressão curta numa fala de outra língua em que se esteja a falar, sendo que a expressão estrangeira não é ajustada em termos fonológicos nem morfológicos (Grosjean, 1982:308). Já o calque constitui numa forma muito específica de empréstimo (Otheguy et al. 1989, 1993), onde se transfere o sentido de uma palavra sem a sua forma original, ao passo que o empréstimo seria a transferência de ambos, sentido e forma.

Há que ter em atenção que a experiência migratória poderá ter um resultado ambivalente nas competências linguísticas dos falantes, se por um lado, o seu repertório vocabular poderá ser enriquecido, por outro, a sua redução poderá estar igualmente patente, tal como Mayone Dias (1989:62) refere:

Em termos linguísticos, a experiência migratória representa tanto um processo de expansão como de contracção vocabular. Por um lado adquire-se um repositório léxico compatível com as novas necessidades existenciais, mas por outro perde-se grandemente toda a faixa referente a actividades e costumes de que o falante se vai desvinculando.

## **Portugueses na Áustria e o seu português**

Para a elaboração desta investigação foram realizadas entrevistas à comunidade portuguesa na Áustria, cujo processo de selecção passou pelos seguintes três critérios: 1) ter português europeu como língua materna e de forma estabilizada (tendo sido escolarizado em português; 2) ter conhecimentos suficientes em língua alemã e esta fazer parte do seu quotidiano; 3) viver na Áustria há mais de dois anos. Deste processo resultaram: 33 entrevistas, que foram realizadas entre Outubro e Dezembro de 2010, traduzindo-se em 15 horas, 48 minutos e 41 segundos de entrevistas, sendo a média por entrevistado de 29 minutos e 39 segundos. As entrevistas foram gravadas em áudio e os entrevistados sabiam-no. Esse facto pode ter influenciado de algum modo a “fala espontânea”, pois ao dar-se a entrevista como terminada e desligando o gravador, houve alguns entrevistados que se sentiram mais à vontade para falar como de costume, sem o esforço visível de falar correctamente.

Em geral, o perfil desta amostra consiste em jovens-adultos do sexo feminino, de origem urbana, com estudos superiores, sendo que já faziam parte do mercado laboral em Portugal antes de emigrarem e continuaram a trabalhar em território austríaco. A emigração deu-se depois do ano 2000, mas antes do período de crise marcado pelo ano de 2008, tendo sido justificada por motivos pessoais.

Uma das questões feitas ao longo da entrevista prendia-se com as próprias impressões do entrevistado enquanto falante de língua portuguesa. Aí, os entrevistados reconheceram que a sua competência linguística já conhecera melhores dias, justificando o agravamento das suas capacidades pela falta do contacto, da prática e das rotinas comunicativas, nomeadamente em contextos mais formais. Por outro lado, eles queixavam-se da falta de vocabulário mais formal, mais específico e mais moderno/actual, uma vez que o português era só falado na e com a família, não se verificando a necessidade de estruturas mais complexas nem de vocabulário mais sofisticado. Houve ainda quem confessasse cometer agora erros ortográficos e ser confrontado com dúvidas que nunca se tinham feito sentir. Por fim, foram vários que acusaram o esforço consciente de procurar e encontrar palavras adequadas em português, partindo de palavras e estruturas alemãs como ponto de partida.

Após a transcrição das entrevistas, foi elaborado um corpus com todos os casos em que se verificavam comportamentos desviantes do português standard, que resultou em praticamente 600 entradas. Estas entradas foram posteriormente classificadas de acordo com o

modelo apresentado por Brauer-Figueiredo (1999), a saber, área fonológica, área sintáctica; área morfo-sintáctica, área pragmático-textual e área semântico-lexical.

De seguida apresentam-se vários exemplos de cada uma das áreas.

Área fonológica:

1. (7) quando telefono para o Magistrat para saber alguma informação ou aquele **bezirque** < Bezirksamt

A palavra alemã *Bezirk* é dita primeiro como se se tratasse de uma palavra portuguesa [bə'zirkə], sendo depois automaticamente corrigida para a pronúncia alemã [bətʰsɪk]

2. (10) Os portugueses falam muito na estra [estrada-Straße] < na rua é mesmo muito normal

A palavra *Straße* era com certeza a palavra mais disponível, tendo o entrevistado dito quase “estrada”, que posteriormente é corrigida para “rua”.

Área sintáctica:

3. (1) e consegue com o ordenado viver

A separação prevista em alemão entre verbo modal e verbo principal em posição final na oração é aqui reproduzida, resultando na estranha colocação do complemento directo antes do verbo principal. Em alemão, a locução verbal é partida, sendo que o verbo modal inicia a oração e o verbo principal termina-a, o que não se verifica em português.

4. (32) uma pessoa aprende mais coisas conhece novas pessoas

Apesar de não ser impossível a ordem adjectivo + nome em português, o mais frequente será a inversa, ao contrário do alemão em que o adjectivo precede a palavra que caracteriza.

5. (31) O B de maneira nenhuma é aceitável

Mais uma vez se observa a deslocação de complementos quebrando ligações que em português aparecem normalmente em bloco. Neste caso o complemento adverbial encontra-se entre o sujeito e o predicado, sendo o advérbio negativo omitido de todo.

6. (19) e pronto malas de cartão não existem já

O advérbio volta a deslizar para um posicionamento mais expectável em alemão do que em português. O advérbio ocupa a posição pós-verbal tal como seria em *existieren nicht mehr* e não o esperado “já não existem”.

Área morfo-sintáctica:

7. (2) tem mais 3 ou mais **Dialekts**

Ao termo alemão *Dialekt* é acrescentado o sufixo português correspondente ao plural –s, sendo o plural em alemão para este caso específico o sufixo –e.

8. (22) são ileais são de uma ilealidade extrema

As palavras “leal” e o derivado “lealidade” não são com certeza um vocábulo recorrente no discurso do entrevistado 22 e nessa medida houve alguma precipitação ao construir o próprio substantivo e seu antónimo. Note-se o paralelismo de derivação usado erroneamente: real > realidade; leal > \*lealidade. O prefixo de negação escolhido foi i- possivelmente por analogia a palavras mais frequentes como legal – ilegal; moral – imoral.

9. (13) um sistema mais **conservativo** ou normal

A proximidade formal de palavras em línguas diferentes leva frequentemente a confusões com os chamados “falsos amigos”. Neste caso, o adjetivo alemão *Konservativ* tem uma forma possível na construção de palavras em português acrescentando-lhe o sufixo de género, tornando facilmente em “conservativo”. No entanto a opção fixada em português deveria ser “conservador”.

10. (24) havia a dificuldade da língua, claro, de não falar perfeito

Em alemão, há muitos advérbios de modo que mantêm a forma do adjetivo correspondente, fazendo que formalmente não se distinga adjetivos deste tipo de advérbio. Desse tipo de associação resulta o uso de “perfeito” em vez de “perfeitamente”.

As áreas pragmático-textual e semântico-lexical foram as campeãs dos desvios observados no corpus. Não é de estranhar que ambas se movam no âmbito do conteúdo das palavras, do seu sentido e do seu uso, ou seja, os aspectos mais práticos da língua. Uma vez que a maior parte dos desvios registados caíram numa destas duas (ou mesmo em ambas, dado as fronteiras entre as duas não serem completamente estanques) categorias, foi necessário recorrer a outro critério de avaliação destas entradas para que a sua classificação desse conta dos fenómenos diferentes que elas patenteavam. Antes de avançar com o novo filtro, registam-se alguns exemplos de ambas as áreas.

Área pragmático-textual

11. (8) Já que estou aqui tenho de fazer alguma coisa\ ou?

Um interlocutor português que ouça esta frase espera a alternativa que a conjunção disjuntiva prediz. No entanto, aqui não se enunciará qualquer alternativa, pois o “ou” é usado como o alemão *oder* que funciona como uma *question tag*. Ao terminar-se uma frase com um

*oder* interrogativo, o entrevistado 8 não espera mais do que uma confirmação, mas que em português seria enunciada com um “não é?” ou um “pois não?”.

12. (2) comem um lanche não é? Um Jause > um pão afiambrado com mortadela

A entrevistada 2 não tem a certeza se a mensagem que está a tentar expressar está a ser passada, nessa medida, elenca uma série de tentativas de explicação, começando por traduzir lanche em alemão *Jause*, mas como a tradução não lhe parece eficaz, ela explica no que consiste o lanche.

13. (5) A minha sogra estava lá no Heim

No caso da entrevistada 5, ela integra o termo alemão *Heim* (lar) no seu discurso sem qualquer tipo de preocupação adicional, ou seja, ela assume que o interlocutor percebe o que ela está a dizer. Verifica-se aqui a troca de palavra por palavra sem qualquer justificação que o explique. Um falante de português (que não dominasse o alemão) não a iria perceber.

14. (15) depois vivia numa WG

O mesmo se passa no exemplo 14. O entrevistado 14 inclui no seu discurso uma abreviatura em alemão. Todavia aqui não se trata de uma mera troca de palavra por palavra. *WG* abrevia *Wohngemeinschaft* que é um conceito que não se encontra tão difundido em Portugal, trata-se de um apartamento partilhado. Assim, partindo do princípio que o interlocutor domina ambas as línguas, enunciar *WG* é muito mais eficiente para o objectivo comunicativo do que “apartamento partilhado”

15. (1) Foi uma arte de discriminação

Quando a entrevistada 1 enunciou a frase transcrita em 15, ela queria dizer uma coisa, achou que tinha dito o que queria, mas na verdade o que disse foi outra. Na prática o que lhe saiu foi o equivalente a “foi uma discriminação de grande nível, artística”, apesar de ter querido dizer que “não tinha sido bem uma discriminação, fora um tipo/uma forma /uma espécie de discriminação”. Esta diferença de interpretações deve-se ao advérbio alemão “*Art*” significar “de forma/modo/maneira”, mas ser formalmente muito parecido à palavra “arte”.

Área semântico-lexical

16. (21) as cebolas ao fim de 3 semanas em casa estão grelados estão estragados uma coisa que eu nunca tinha experimentado

No caso do exemplo 16, observa-se a transferência do significado de *Erfahrung* para o correspondente directo em português “experiência, vivência”. A utilização mental da entrevistada 21 do verbo *erfahren* (cujo sentido aponta para uma experiência não literal, ou

seja, algo que se presenciou ou viu) vai resultar por analogia a “experimental”, o que no contexto de comida soa a “provar” em vez do pretendido “visto”.

17. (13) Se for um daqueles cursos com massas e massas de estudantes

A duplicação é frequente em português para efeitos de ênfase: rios e rios de dinheiro, dezenas e dezenas de pessoas; em inglês também: *thousands and thousands* Todavia, a escolha vocabular questionável: *Menge* (DE) > *mass* (EN) > massas (PT).

Tal como adiantado anteriormente, foi necessário aplicar mais um filtro para que a classificação das ocorrências fosse mais eficaz. Nesse sentido, optou-se pelas categorias propostas por Otheguy et al. (1989, 1993): *switch*, onde se assiste à troca de palavra de uma língua por outra de outra; *loan* (empréstimo) que traz para um enunciado numa língua termos (com forma e significado) de outra e por fim o calque, que prevê a introdução de significados de palavras de outra língua sem a sua forma original.

Switch

18. (5) O senhor embaixador disse que einleiten umas palavras

Tratou-se do único caso único onde o verbo é sujeito a um desvio. O verbo ocupa a posição portuguesa, mas surge no infinitivo e não no condicional. No entanto, a construção da forma condicional em alemão pode ser feita através da utilização do verbo modal no condicional com o verbo principal no infinitivo. Nesse caso, o verbo modal na forma condicional encerraria a oração em alemão, ocupando o último lugar na frase.

19. (1) Basta ter uma coisa parecida com o Matura e pronto

Aqui a troca de palavras ocorre num vocábulo carregado de conteúdo cultural muito específico. O *Matura* consiste no exame final do 12º ano na Áustria e é muito mais relevante em contexto austríaco do que o equivalente em Portugal.

20. (8) Só vou ao Klo ali

O exemplo 20 apresenta uma mera troca de palavra por palavra, sendo que a palavra alemã utilizada é muito mais curta, simples e económico do que o correspondente português “casa-de-banho”.

Empréstimo

Dois terços dos entrevistados recorreram a esta estratégia, utilizando empréstimos de origens linguísticas diferentes: em alemão “O meu estudo” (o meu curso > *Studium*); em inglês “Muitas facilidades” (muitas infraestruturas > *facilities*); em italiano “Estamos a andar para Itália” (Estamos a ir para Itália > *andare*).

21. (18) o plástico é plástico tudo os cartões de sumo também têm aquela caixinhas especiais

O termo alemão *Kartons* é transformado no português “cartões”, uma vez que a forma é muito mais próxima do que o correcto “pacote”. Portanto, forma e conteúdo são emprestados a “cartões”.

22. (7) Mas no dia nacional de Portugal lá na associação

O que a entrevistada 7 estava a referir-se era ao dia de Portugal, vulgarmente apontado simplesmente como 10 de Junho, mas o antecedente austríaco mantinha-se muito presente na sua mente *Nationalfeiertag* que à letra é precisamente “o dia de feriado nacional”.

23. (17) enquanto estudava e discutia muito com amigos da universidade

24. (29) Já queria ter ido estudar no fim da faculdade < da escola

Os chamados verbos latinos em alemão que se identificam pela terminação em “-ieren” são frequentemente fonte de confusão por se assemelharem em muito com formas portuguesas a que correspondem outros significados: *studieren* vs. estudar (em alemão: frequentar e/ou aprender na Universidade); *diskutieren* vs. discutir (em alemão: debater)

25. (10) O nível é melhor\ os professores são muito mais bem hmmm educados < formados do que em Portugal

A forma inglesa *educated* também possível em português com o mesmo significado, mas não é suficientemente unívoco, por poder corresponder a “alguém com boa educação, bem criado” ou “alguém bem formado ou instruído”, daí o entrevistado ter sentido alguma insegurança na forma “educado” e acabado por optar pelo termo mais esclarecedor “formados”.

Calque

Foram encontrados calques em todas as categorias de palavra com conteúdo (nomes, verbos e adjectivos).

26. (3) E está com a pressão muito baixa

Tensão arterial diz-se em alemão *Blutdruck*, que literalmente significa pressão do sangue

27. (14) a coisa vai começar a descer no sentido da morte

A entrevistada 14 tinha como referente a expressão *bergab/abwärts*, que significa literalmente descer a montanha ou ir em sentido descendente, estando patente a ideia de um

estado que piora, e tentou reproduzi-la fielmente em português, sem que lhe tivesse ocorrido a expressão comum “ir por água abaixo”.

28. (7) tive dificuldades apesar de eu estar sempre divertida

Mais uma vez se verifica a sobreposição de sentidos apesar do recurso a formas diferentes. O alemão *lustig, gut gelaunt* corresponderia ao português “divertida”, mas o mais adequado no contexto seria “animada”.

Para concluir e depois da análise de todos estes exemplos, a concorrência entre a língua materna (o português) e as outras línguas, nomeadamente o alemão, é incontornável, sendo que a língua portuguesa apresenta sintomas de influências das outras línguas.

Embora todas as áreas linguísticas sejam afectadas, as que mais se salienta é a lexical, sendo a menos afectada a fonológica. O segundo filtro da classificação permitiu verificar que o peso das palavras com conteúdo lexical são as mais sujeitas a influências neste momento do contacto linguístico, o que é sintomático do contacto ainda estar numa fase inicial e consequentemente ainda não muito profundo. Como a comunidade é bastante recente, o contacto entre as duas línguas ainda não dura há muito tempo e por isso ainda não se pôde enraizar. A língua portuguesa ainda está bastante presente na vida destes falantes, no entanto, já é notório que o português não consegue cobrir todas as necessidades que o falante tem. Se por vezes, o falante parece conseguir determinar quando o alemão é mais eficiente, curto ou ajustado que o português; por outras, parece ele próprio confuso, mesmo que inconscientemente, resultando formas híbridas tanto no que se refere a conteúdo como a forma.

Esta investigação pode assim comprovar o que se acontece / pode acontecer com as línguas em contacto no contexto de comunidades recentes, numa primeira fase de contacto linguístico.

Este artigo não foi escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Baganha, Maria; Góis, Pedro e Pereira, Pedro. 2005. International Migration from and to Portugal: What Do We Know and Where Are We Going?. In: Zimmermann, Klaus (Org.), *European Migration – What Do We Know?*. Oxford: Oxford University Press. pp. 415-457.

Brauer-Figueiredo, M<sup>a</sup> Fátima. 1999. *Gesprochenes Portugiesisch*. Hamburgo: TFM Verlag.

Dias, Eduardo Mayone. 1989. *Falares Emigreses – Uma abordagem ao seu estudo*. ICALP. Biblioteca Breve. Vol. 13.

Godinho, Vitorino Magalhães. 1978. L'émigration portugaise (XVe–XXe siècles): Une constante structurelle et les réponses aux changements du monde. In: *Revista de História Económica e Social 1*, pp. 5–32.

Grosjean, François. 1982. *Life with two Languages – An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, MA: Harvard University Press [11th printing: 2001].

Otheguy, Ricardo e Garcia, Ofelia. 1993. Convergent conceptualizations as predictors of degree of contact in US Spanish. In: Roca, A. e Lipsk, J. (Orgs.) *Spanish in the US: Linguistic contact and diversity*. Berlim: Mouton de Gruyter, pp. 135 – 154.

Otheguy, Ricardo; Garcia, Ofelia e Fernández, M. 1989. Transferring, switching and modeling in West New York Spanish: an intergenerational study. In: *International Journal of Sociology of Language 79*, pp. 41 – 52.

Pereira, Álvaro Santos. 2010. *The return of Portuguese emigration* [working paper].

Poplack, Shana. 1980. Sometimes I'll start a sentence in Spanish y termino en español – Toward a typology of code-switching. In: *Linguistics 18*.

Riehl, Claudia Maria. 2001. *Sprachkontaktforschung – Eine Einführung*. Tübingen: Narr Francke Attempto Verlag. [2. Überarbeitete Auflage: 2009].

Weinreich, Uriel. 1953. *Language in Contact – Findings and Problems*. Haia: Mouton [6<sup>th</sup> printing 1968].

Observatório da Emigração

<http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/paises.html?id=13>

